

PROBLEMAS E SOLUÇÕES DAS ESCOLAS SEGUNDO COMUNIDADES ESCOLARES

Vanda Mendes Ribeiro

Faculdade de Educação da Universidade
de São Paulo (FEUSP)
vandaribeiro@usp.br

Joana Buarque de Gusmão

Faculdade de Educação da Universidade
de São Paulo (FEUSP)
joanabg@uol.com.br

Resumo: O artigo comenta problemas e soluções propostas por escolas com base no uso dos Indicadores da Qualidade na Educação, instrumento participativo de avaliação e planejamento. Foram analisados 103 planos de ação de unidades escolares de quatro estados brasileiros. Como conclusão, afirma-se que comunidades escolares têm conhecimentos a serem mobilizados para a solução de parte de seus problemas e que há questões para as quais há menos conhecimento consolidado sobre as melhores formas de solucioná-las, como as que dizem respeito à participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e quanto aos melhores dispositivos educacionais capazes de melhorar a aprendizagem.

Palavras-chave: qualidade da educação – avaliação – desafios educacionais

APRESENTAÇÃO

Em 2004, a Ação Educativa, com apoio do Unicef e do MEC, publicou os Indicadores da Qualidade na Educação - Indique, instrumento de autoavaliação que visa o envolvimento de toda a comunidade escolar em processos de melhoria da qualidade da educação. O material consiste numa proposta metodológica participativa e num sistema de indicadores por meio dos quais a comunidade julga a situação de diferentes aspectos de sua realidade, identifica prioridades, estabelece um plano de ação, implementa e monitora seus resultados.

Desenvolvido com a colaboração de instituições de referência na área de educação, especialistas e órgãos governamentais¹, o Indique propõe uma metodologia de avaliação da qualidade da escola com base em indicadores agrupados em um conjunto de dimensões, a saber: ambiente educativo, prática pedagógica e avaliação, ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, gestão escolar democrática, formação e condições de trabalho dos profissionais da escola, ambiente físico-escolar e acesso e permanência dos alunos na escola. Os indicadores são avaliados pelos diversos segmentos da comunidade reunidos em grupos heterogêneos pela discussão de perguntas que refletem situações, práticas e atitudes presentes nas escolas. Feita a avaliação, as comunidades escolares priorizam seus problemas e elaboram um plano de ação para solucionar os problemas prioritários. A comunidade escolar é entendida de forma ampliada,

¹ As instituições participantes da elaboração da publicação podem ser consultadas em: <www.acaoeducativa.org/indicadores>.

incluindo pais, mães, professores, diretores, alunos, funcionários, gestores, representantes de ONGs locais e de conselhos como o de educação e dos direitos da criança, além de outras instituições que tenham relação com a escola.

O material tem como premissa básica que avaliações e planejamentos participativos realizados por meio de padrões de qualidade negociados entre especialistas e atores de escolas têm potencial de favorecer percepções da comunidade escolar sobre a qualidade da escola em que atua, trazendo para o processo sua capacidade de julgamento, seu conhecimento sobre a escola e seu desejo de melhoria da situação de qualidade na qual se vê implicada. Acredita-se que qualidade da educação é um conceito polissêmico e que a negociação entre os atores em torno de seu sentido é fundamental para uma boa avaliação.

Algumas experiências de uso do Indique foram acompanhadas, possibilitando o acesso a planos de ação elaborados por comunidades escolares. Em 2008, a equipe do Projeto Indicadores da Qualidade na Educação realizou um estudo² com a finalidade de sistematizar os planos de ação e posteriormente divulgar junto a escolas as alternativas que comunidades escolares têm apontado para solucionar problemas por elas mesmos detectados. Um relatório foi publicado e tem sido usado por escolas que desejam se inspirar na experiência de outras na busca de soluções para problemas similares e também em processos formativos para o uso do Indique.

Este artigo compartilha e comenta aquelas propostas que são comuns à maior parte das escolas, tecendo considerações sobre as soluções que as comunidades escolares apontam para resolverem os problemas por elas identificados como prioritários e para os quais elaboraram conjuntamente um plano de ação.

O trabalho compreendeu os seguintes passos: leitura de todos os planos de ação disponíveis na Ação Educativa, categorização das propostas e considerações à luz de referências. Foram lidos, ao todo, 103 planos. A maior parte é de escolas do estado de São Paulo (89), localizadas nos municípios de São José dos Campos, Jacareí, Caçapava, Matão, Taubaté, Araraquara, Botucatu, São Carlos, São Manuel, Gavião Peixoto e Nova Europa. Esses planos foram elaborados pelas escolas que participaram, nos anos de 2006 e 2007, do Programa Ação na Escola, desenvolvido pelo Instituto Embraer nas regiões de atuação da empresa.

De Goiás foram analisados dois planos: um deles de uma escola municipal de Goiânia e outro elaborado por uma comunidade quilombola no município de Cavalcante. Do Paraná foi analisado um plano de ação de uma escola rural e um de uma escola urbana. De Minas Gerais, tivemos a oportunidade de verificar 11 planos, todos do município de Ituiutaba. Do total analisado, 47 planos são oriundos de escolas estaduais e 54 de estabelecimentos municipais. Duas escolas não mencionaram vinculação administrativa.

A maior parte dos planos de ação foi elaborada seguindo os problemas detectados nas dimensões do Indique. Mas nem sempre isso ocorreu, o que exigiu várias leituras de cada plano em busca daqueles problemas e ações referentes às sete dimensões presentes no material. Para cada dimensão foi construído um quadro elencando problemas, soluções, responsáveis pela

2 O estudo foi financiado pela Fundação Telefônica.

execução da ação e o nome da escola proponente. Em um segundo momento, chegou-se a quadros apenas com os problemas e soluções. A análise dos planos de ação levou à percepção de que as problemáticas e propostas são, na maior parte das vezes, recorrentes em planos de ação de escolas distintas, de forma que se optou por não repetir as várias maneiras de descrever um mesmo problema ou uma proposta. Procurou-se, ao contrário, interpretar e chegar a formulações que dessem conta dos diversos modos de expressão.

Nenhuma proposta deixou de ser aproveitada devido a considerações relativas à sua pertinência ou adequação. Não necessariamente estão elencadas propostas que possam ser consideradas as mais eficazes para enfrentar determinados problemas. Análises poderão identificar a existência de propostas inadequadas. Não há que se esperar sugestões sempre originais ou inovadoras, mas sim sugestões interessantes e possíveis de serem realizadas: soluções pensadas a partir daquilo que um número razoável de escolas considera possível com os recursos de que dispõem ou que podem vir a conseguir.

Principais problemas e propostas identificados pelas escolas

Os planos de ação trazem propostas que incidem sobre a atuação de todos os segmentos da comunidade escolar. Não é pelo fato de que nas avaliações por meio do Indique os professores tendem a ter mais facilidades para apresentar suas idéias³ que não há problemas apontados que envolvem a prática pedagógica em sala de aula e também soluções que, caso sejam de fato implementadas, implicariam em mudanças no trabalho desenvolvido pelo professor. Mas pode-se dizer que há uma tendência de se identificar problemas externos à prática pedagógica. Situação que mostra a dificuldade dos professores colocarem suas práticas no centro de um processo de autoavaliação.

Muitas das propostas apontadas são simples, como, por exemplo, o estabelecimento de periodicidades para a reflexão coletiva sobre a prática pedagógica na escola. Parece óbvio que educação não possa ser feita sem reflexão, planejamento e atenção de muitos. Entretanto, o número de propostas que caminham na direção de propor a existência de espaços voltados para esse fim reflexivo indica que se trata de prática pouco difundida nas escolas cujos planos foram aqui analisados.

A seguir, serão tecidos breves comentários a respeito dos problemas e das propostas mais recorrentes, divididos de acordo com as sete dimensões do Indique.

Na dimensão Ambiente Educativo, observa-se que os planos de ação se detiveram sobre os seguintes problemas: 1) falta de respeito às regras e problemas de disciplina; 2) agressividade e conflitos entre alunos; 3) discriminação; 4) falta de respeito mútuo; e 5) desconhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Em relação ao primeiro ponto, há grande convergência na opinião de que a participação de todos os segmentos da comunidade escolar na elaboração das regras, sua revisão constante e divulgação são boas alternativas para solucionar o problema. Quanto

³ Balanço avaliativo realizado pela Ação Educativa em 2007 mostrou que os professores têm mais facilidade para responder as perguntas e de compreender o conteúdo dos indicadores de avaliação propostos no Indique.

à agressividade e conflitos, as soluções são mais díspares e diferenciadas entre si. O fato pode denotar a falta de consenso ou de conhecimento disseminado sobre como lidar com esta situação.

Citaremos aqui algumas propostas que visam o enfrentamento deste problema específico:

- Realizar eventos com exposição de trabalhos realizados em sala de aula.
- Favorecer a atuação de lideranças positivas (monitorias, por exemplo).
- Criar um Centro Cultural de Convivência para a comunidade escolar e local.
- Definir equipe, com participação de alunos, para desenvolvimento de projeto visando melhorar a comunicação.
- Formar grupo de alunos para coordenar processo de criação de regras coletivas.
- Divulgar as normas e trabalhá-las nas aulas.
- Promover palestras que abordem temas inerentes às relações de convivência.
- Oficinas com pais, alunos e professores para integração e reflexão.
- Estudar o ECA.
- Promover apresentações de teatro.
- Desenvolver atividades de compostagem e horta.
- Trabalhar valores com base em filmes e textos.
- Realizar jogos cooperativos.
- Trabalhar com os pais a questão do respeito em casa entre familiares, colegas, vizinhos e comunidade.
- Elaborar projeto interdisciplinar com base na realidade dos alunos, seus interesses, necessidades, desenvolvendo atividades desafiadoras e motivadoras.
- Promover palestras, debates e fóruns sobre temas importantes como gravidez na adolescência e abuso de drogas, entre outros.

Enfrentar a discriminação envolve, para as escolas, a discussão da temática, esclarecimentos conceituais, uso de materiais de apoio para trabalhar o assunto com os alunos, discutir o assunto quando são realizadas atividades ordinárias na escola. Seguem as sugestões mais apontadas nos planos de ação:

- Trabalho interdisciplinar sobre discriminação em geral.
- Desenvolver projeto sobre a consciência negra.
- Planejar uso do espaço pensando no respeito às diferenças.
- Discutir reportagens, fotos, poesias e músicas que abordem o problema.
- Encenar peça que trate do respeito às diferenças.
- Implementar programa sobre os impactos da obesidade na saúde.
- Trabalhar o tema discriminação com jogos pedagógicos, com base em reportagens e situações vividas e em festas, reuniões e palestras.

- Trabalhar em sala de aula o significado dos termos “preconceito”, “racismo” e “discriminação”.
- Promover a interpretação do ECA pelos alunos.
- Trazer palestrantes para abordar o tema com os alunos.
- Elaborar atividades socioculturais que abordem o tema e permitam a expressão oral e corporal.
- Fazer e expor trabalhos sobre diversidade étnico-racial.
- Estabelecer parceria com instituições que têm experiência na atuação contra o preconceito racial.

A falta de respeito também pode ser solucionada com diálogo, oficinas, atividades que permitam a convivência e a ação entre pares. O desconhecimento do ECA pode ser enfrentado com a sua divulgação na escola por meios diferenciados, palestras com pessoas da área e atividades com os alunos.

Quanto à dimensão Prática Pedagógica e Avaliação, pode-se dizer que os principais problemas apontados são: 1) desconhecimento do Projeto Político Pedagógico (sobretudo por parte de familiares); 2) inexistência de avaliação diagnóstica que pautar o planejamento; 3) dificuldade de relacionar a escola com o bairro, seja por meio de contextualização dos conteúdos seja por meio de visitas e ações significativas; 4) dificuldades de lidar com os alunos com necessidades educacionais especiais na sala e aula e na escola; 5) e também a inexistência de um sistema de avaliação que agregue avaliação dos alunos, dos docentes, dos profissionais da escola, com critérios claros e com resultados compartilhados e oferecendo subsídios para a prática pedagógica.

Dados os recentes investimentos no país no fortalecimento da avaliação externa do desempenho dos alunos da educação básica enquanto instrumento de gestão e de regulação das políticas educacionais (SOUSA, 2009), podemos considerar relevante que as comunidades escolares percebam a importância da integração das diversas formas possíveis de implementar avaliações no âmbito escolar. Parte das comunidades escolares afirmou a necessidade de se integrar a avaliação focada em resultados e desempenho a outros tipos de avaliação, mais relativas a processos, e com critérios definidos e compartilhados. Especialistas afirmam a importância dessa integração para a consecução de efeitos sobre os atores dos estabelecimentos escolares (THURLER, 2002).

Os planos de ação não denotam crítica à realização de avaliações externas, chamadas em alguns casos de avaliações oficiais. Apenas afirmam que esses dados não fazem parte dos mecanismos de apoio à prática pedagógica, problema que aparece também em relação a outros tipos de documentos oficiais. Oliveira (2008) mostra como os resultados das avaliações externas podem vir a apoiar a prática pedagógica. Parte das comunidades escolares considera o potencial desse uso, mas continua afirmando sua inexistência. As comunidades escolares que elaboraram os planos analisados propõem, em relação à avaliação, o uso da autoavaliação tanto pelos alunos como pelos professores; e que as avaliações dos processos levem à aprendizagem. A avaliação do desempenho também deve ser objeto de análise e discussão; para tanto, necessita-

se de instrumentos adequados. A prática de discutir e definir coletivamente os critérios de avaliação é apontada como relevante. Indicadores de avaliação dos profissionais devem ser definidos e as avaliações, compartilhadas com os familiares. Propõe-se também que se estude mais sobre as formas mais eficazes de avaliação.

Os problemas relativos à avaliação são múltiplos, razão pela qual apresentaremos a seguir parte do quadro com soluções apontadas por tipo de problema.

Problemas	Soluções
Processo de avaliação inadequado	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitar os professores sobre formas mais adequadas de avaliação. • Tornar a avaliação um processo contínuo, processual e um instrumento de conhecimento. • Constituir uma comissão para elaborar uma proposta de avaliação para a escola.
Alunos não fazem autoavaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar autoavaliação com os alunos.
Docentes não tratam a avaliação de forma transparente com seus alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer novos critérios e formas de avaliação na escola. • Pesquisar para saber quais as formas de avaliação mais eficazes.
Não há procedimento formal para avaliar os profissionais da escola	<ul style="list-style-type: none"> • Implementar um instrumento formal de avaliação do resultado do trabalho de todos os profissionais. • Instituir a auto-avaliação dos professores.
Falta de sistematização dos resultados do processo avaliativo dos profissionais da escola	<ul style="list-style-type: none"> • Sistematizar e discutir com os profissionais os resultados do processo de avaliação.
Falta de indicadores para avaliação dos profissionais	<ul style="list-style-type: none"> • Definir os indicadores para avaliação dos profissionais.
Não há discussão conjunta para o estabelecimento dos critérios de avaliação dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer reuniões bimestrais com professores, supervisores, pais, alunos para discutir, avaliar e re/definir os critérios de avaliação da aprendizagem dos alunos. • Criar uma comissão para discutir os critérios de avaliação.
Os dados sobre a escola, produzidos por pesquisas, avaliações e documentos oficiais, não são utilizados para a reflexão da prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Trazer à reflexão os dados de avaliações oficiais sobre a escola.

A Secretaria da Educação não acompanha o desenvolvimento do ensino e aprendizagem na escola	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar à Secretaria visita mensal do profissional responsável pelo acompanhamento.
Baixa participação dos familiares nas reuniões para discussão dos resultados das avaliações dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar aos pais a avaliação diagnóstica e outros dados do processo educativo de cada aluno. • Intensificar os convites para as reuniões. • Demonstrar aos familiares que sua participação é importante para o desenvolvimento dos filhos.

As propostas de enfrentamento do desconhecimento do Projeto Político Pedagógico (PPP) giram em torno de sua divulgação e discussão utilizando tanto das reuniões e eventos ordinários da escola quando novos meios de comunicação a serem introduzidos na rotina. A seguir, a relação das principais propostas em relação a esta problemática:

- .Divulgar o projeto pedagógico na internet, em reuniões de pais, em reuniões, cartazes e banners, por meio de instrumentos de mídia, notas, teatro, cursos de capacitação dos docentes, em palestras, nas reuniões dos conselhos escolares.
- Deixar o PPP em local acessível.
- Conscientizar a comunidade escolar sobre a sua importância na elaboração do PPP.
- Estudar o PPP em reuniões da escola.
- Promover a participação da comunidade escolar nos momentos de re/elaboração do PPP.
- Envolver o Grêmio Estudantil na divulgação do PPP junto aos alunos.
- Criar e encenar peça teatral sobre o PPP.
- Desenvolver projeto para que os professores discutam com os alunos o PPP na sala de aula.

As dificuldades relativas à educação inclusiva podem ser contornadas, sobretudo, por meio de parcerias que tragam estagiários ou apoio para a sala de aula, contratação de profissionais de apoio (fonoaudiólogo, psicopedagogo), materiais especializados e palestras sobre o tema, tanto para familiares como para professores e alunos.

À falta de contextualização e de visitas no bairro e em outras localidades devem suceder práticas extracurriculares que investiguem a história do bairro, valorize os locais importantes ali existentes e também a adequação do conteúdo à realidade dos alunos.

Ao tratar a dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura e Escrita, a questão da prática pedagógica aparece com mais força do que quando se aborda a dimensão Prática Pedagógica e Avaliação. O problema que aparece em um número maior de escolas e para o qual há também

uma quantidade bem maior de propostas é o que diz respeito à dificuldade de aprendizagem dos alunos. O foco maior é sobre a dificuldade de aprender do aluno. Mas a capacitação do professor para a alfabetização é também citada. Em segundo lugar aparece, vinculado a temáticas distintas, o problema do acervo reduzido e pouco diversificado de livros e do espaço inadequado para leitura ou a falta de biblioteca. As propostas estão focadas na melhoria da prática pedagógica, na diversificação do tipo de atividade, no envolvimento dos pais, na forma de aproveitar melhor textos de gêneros variados, na necessidade de estabelecimento de metas e de acompanhamento da aprendizagem de cada aluno, na necessidade de cuidar melhor da formação dos professores alfabetizadores, de aumentar o acervo e de incentivar a leitura na escola e em casa, na necessidade de propiciar reflexões na escola sobre os melhores modos de ensinar. A lista de problemas e alternativas é grande. Apresentamos aqui alguns itens.

Problemas	Soluções
Famíliares não têm hábito de leitura nem livros disponíveis	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer contato com outras unidades escolares para solicitar doações de livros. • Criar círculo do livro. • Promover atividades que possibilitem o contato dos familiares com o mundo da leitura (café com livros, gincana literária, contadores de causos e histórias, feira do livro).
Escola não orienta pais sobre como incentivar a leitura e a escrita entre os filhos.	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer reuniões com pais visando orientá-los com que incentivem os filhos na leitura e escrita.
Pouco acompanhamento das famílias do cotidiano escolar dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Convidar a comunidade para discutir a importância da participação e do acompanhamento da vida escolar dos alunos.
Faltam momentos entre os professores para descobertas, reflexão, revisão e construção teórica sobre a prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Facilitar o acesso a cursos de formação continuada.
Maioria dos alunos vem de outras escolas sem que tenham sido alfabetizados	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar estratégias de alfabetização inicial para os alunos que vêm de outras escolas.
Nem todas as séries têm metas de aprendizagem em leitura e escrita descritas no PPP	<ul style="list-style-type: none"> • Definir no PPP e divulgar as metas de aprendizagem da leitura e escrita de cada série. • Falar sobre as metas nas reuniões pedagógicas.
Inexistência de biblioteca na escola Os livros são guardados em sala inadequada	<ul style="list-style-type: none"> • Construir biblioteca / sala de leitura • Construir quiosques como espaços interativos para as atividades de leitura e escrita. • Fazer o mapeamento dos livros existentes. • Adquirir mobiliários para adequar o espaço de leitura.

Acervo de livros reduzido ou pouco diverso	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o acervo. • Conhecer e organizar os materiais que existem e buscar aquilo que está faltando.
As práticas alfabetizadoras não são compartilhadas por toda a comunidade escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Promover exposições e divulgar a produção dos alunos.
Pouca diversidade das atividades desenvolvidas em sala de aula para a aprendizagem da leitura e da escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o número e o tipo de atividade desenvolvida em sala de aula diariamente. • Implementar projeto com equipes de alfabetização voluntária.
Pouco aproveitamento dos alunos em relação ao ensino da leitura e da escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Rever a prática pedagógica. • Intensificar o uso da avaliação formativa. • Usar as novas tecnologias para dinamizar as aulas. • Realizar atividades extraclasse usando recursos do entorno. • Criar uma ludoteca voltada para atividades de leitura e escrita. • Intensificar os atendimentos de apoio pedagógico aos alunos com maior dificuldade. • Capacitar professores alfabetizadores. • Buscar parcerias junto a instituições especializadas em alfabetização. • Organizar atividades diferenciadas para os alunos com dificuldade de aprendizagem. • Promover na sala de aula o estudo de diferentes tipos de textos. • Estimular a realização de pesquisas bibliográficas com uso de diferentes tipos de materiais. • Promover atividades para leitura livre. • Criar Clube da Poesia. • Encontrar na comunidade contadores de histórias e convidá-los para participar de atividades na escola. • Fazer oficinas para apresentação e discussão de diferentes textos, contando com a participação de escritores ou especialistas. • Promover debates com base em livros lidos na biblioteca. • Trabalhar a alfabetização com jogos, dramatizações. • Criar concursos de leitura de livros paradidáticos e de outros gêneros, como: poemas, trava-línguas, adivinhas, anedotas, contos, etc.
Número excessivo de alunos nas salas de aula das séries iniciais	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar auxiliares ou estagiários nas salas das séries iniciais. • Agrupar alunos por grupos afins, facilitando a atenção a cada um. • Diminuir o número de alunos por sala.
Inexistência da prática de avaliação diagnóstica inicial	<ul style="list-style-type: none"> • Promover encontro de professores para que definam os pontos a serem pesquisados na avaliação diagnóstica. • Capacitar e acompanhar os professores na realização de avaliações diagnósticas.

Falta de eixo norteador da prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular os profissionais para que busquem um aperfeiçoamento na sua formação.
Dificuldade dos alunos em interpretar textos e enunciados	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar a ludoteca com atividades diversificadas. • Utilizar salas de informática.
Falta de incentivo à leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a criação, pelos alunos, de um jornal mural com assuntos culturais e cotidianos. • Construção de uma sala para leitura. • Criar um jornal da escola organizado e elaborado pelos alunos. • Distribuição do jornal da escola entre os familiares e no bairro.
Falta de entrosamento da equipe na execução de atividades ligadas à leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar projetos com a participação dos professores.
Os alunos leem poucos livros por mês	<ul style="list-style-type: none"> • Oferecer livros para a leitura diária em atividades monitoradas na sala de aula. • Promover a leitura sistemática de um livro por mês. • Desenvolver projeto para criar o gosto pela leitura.

Cabe considerar que esta dimensão do Indique – Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita - traz de forma mais detalhada indicadores relativos à qualidade do ambiente alfabetizador. Esta pode ser a razão pela qual houve um lugar maior para se colocar a problemática da prática pedagógica do que quando as comunidades escolares discutiram os indicadores sobre Prática Pedagógica e Avaliação. Mas pode ser também porque o foco para a descrição (ou a discussão) do problema pôde ser “o aluno que não aprende” e não “o professor ou a escola que tem dificuldade de ensinar”.

Importante comentar que entre as propostas para solucionar problemas relativos à dificuldade de alfabetização aparecem várias vezes a constituição de turmas homogêneas. O assunto merece discussão: pesquisas mostram ser este um dispositivo que fortalece a iniquidade quanto ao desempenho dos alunos (CRAHAY, 2000).

Quanto à dimensão Gestão Escolar Democrática, o problema mais citado foi a baixa participação dos alunos e familiares na escola. O conjunto de alternativas para solucionar esse problema é o maior, comparando-o com todos os problemas do conjunto de dimensões. É muitíssimo variado o tipo de soluções propostas. Elencaremos algumas soluções:

- Pensar as atividades de forma detalhada, definindo também alunos, mães e pais como responsáveis.
- Buscar parcerias no próprio bairro; fazer da escola um ponto de referência para a busca de informações de interesse da comunidade.
- Promover reuniões em dias e horários alternados.
- Utilizar mídias para divulgar o trabalho dos professores e os resultados alcançados.
- Atender as solicitações da comunidade através de projetos pedagógicos;

- Atrair os pais e mães com atividades realizadas pelos próprios alunos.
- Promover eventos culturais na escola e outros espaços da comunidade nos finais de semana.
- Oferecer cursos para pais.
- Colocar caixa para sugestões da comunidade.

O que chama a atenção é que as soluções propostas para fazer com que os pais se interessem mais ou sejam mais participativos não se repetem muito nas escolas. Tal situação induz ao levantamento de hipóteses: há pouco conhecimento sistematizado e publicado sobre como solucionar o problema? As formações de gestores e professores não têm abordado o assunto?

Ainda na dimensão Gestão Escolar Democrática, aparece falhas na circulação das informações. As soluções mais apresentadas dizem respeito a tornar as informações mais acessíveis, em locais adequados, com destinação específica para esse fim (murais, cartazes, bilhetes, livros, calendário, boletins, rádios locais, jornais).

O desconhecimento da comunidade escolar sobre os resultados das avaliações oficiais é também bastante citado. As soluções passam pela divulgação destes dados em meios de comunicação diversos e também pela sua discussão nas reuniões ordinárias. A falta de capacitação dos conselheiros escolares e também o desconhecimento das suas atribuições é problema recorrente. A promoção de meios de capacitação dos conselheiros e a divulgação e a discussão na escola das atribuições desses atores são o tipo de solução mais apresentado.

Quanto à dimensão Formação e Condições de Trabalho dos Profissionais da Escola, os problemas mais citados se referem a: 1) falta de capacitação de professores e funcionários; 2) inexistência de funcionários para administração, limpeza e manutenção; e 3) número excessivo de faltas de professores e funcionários. Em relação ao déficit de capacitação, as alternativas giram em torno da organização de grupos de estudo, da realização de palestras, da promoção e disseminação na escola dos cursos feitos pelos professores, da busca de parcerias para realização de cursos e, por fim, da solicitação de cursos e outros eventos formativos junto à Secretaria de Educação. É importante ressaltar que a reivindicação à Secretaria para solucionar esse problema específico tem forte presença nos planos de ação. Já a solução do problema da inexistência de funcionários em número suficiente está fortemente calcada em propostas que visam envolver pais, mães e até mesmo alunos em ações para suprir as necessidades.

O número alto de faltas de professores, funcionários e até mesmo diretores, levou as comunidades escolares a imaginar soluções como a contratação de substitutos, remanejamento de escalas, divulgação do número de faltas de todos os profissionais, discussão da situação em reuniões e também a solicitação às Secretarias de Educação para que façam com que os professores não deixem a escola durante o ano letivo. Interessante destacar que foram citadas como problemas as faltas de professores ocorridas pela convocação da própria Secretaria de Educação. A problemática da falta de professores é atualmente recorrente na literatura educacional brasileira. Observemos que as soluções têm um componente de transparência

da situação geral e que há estratégias de gestão por meio de escalas. Os prêmios e incentivos não fizeram parte das de soluções.

Foram cinco os problemas mais citados na dimensão Ambiente Físico Escolar: 1) falta de cuidado com o espaço físico escolar; 2) mal aproveitamento do que existe; 3) falta de materiais pedagógicos; 4) biblioteca inexistente, mal organizada ou subutilizada; e 5) falta de materiais e espaços adequados para a prática de esporte e atividades lúdicas/ recreativas. As soluções para estes problemas são bastante diversas e envolvem entre outras propostas a aquisição de novos materiais ou construção/reparação de espaços, boa manutenção e aproveitamento do que existe, envolvimento/conscientização da comunidade escolar como um todo para o cuidado com o ambiente; desenvolvimento de projetos que incidam sobre essas temáticas, arborização e cuidado com o lixo. Interessante observar que a inexistência da biblioteca foi problema apontado na dimensão Aprendizagem da Leitura e da Escrita e que nesta dimensão surge o uso inadequado da mesma. Ou seja, tudo indica que mesmo onde ela existe o uso indevido dificulta seu bom aproveitamento. Um problema que deve ser alvo de competente política pública tendo em vista o já sabido impacto da presença da biblioteca sobre o desempenho dos alunos (ARAÚJO e PACHECO, 2004).

Quanto à dimensão Acesso e Permanência na escola, os principais problemas e soluções são : 1) altos índices de faltas dos alunos e evasão; 2) falta de estímulo à aprendizagem e desmotivação dos alunos; 3) grande número de alunos com defasagem de aprendizagem; 4) falta de interesse/compromisso/colaboração dos pais. As soluções mais presentes para incidir sobre evasão e número de faltas são: buscar informações sobre os motivos, mudar a prática pedagógica para que seja mais motivadora, interessante e próxima do aluno, acompanhar a frequência do aluno, desenvolver projetos que o interessem, fazer visitas aos faltosos, atuação conjunta com outros serviços públicos, compensar ausências.

A desmotivação dos alunos pode ser solucionada pela realização de projetos com assuntos de interesse e com a introdução de novos recursos pedagógicos. Segundo Dubet (2001), a questão da desmotivação dos alunos é um dos grandes problemas enfrentados pelos professores franceses com o advento da massificação da escola ocorrida naquele país. O fato de este problema ter aparecido aqui com certa frequência indica que o Brasil talvez esteja vivenciando problemas típicos de processos de massificação do ensino, devido à recente quase universalização do Ensino Fundamental. Para aquele país, Dubet apregoa soluções focadas na reestruturação da cultura escolar e do papel do professor. As soluções postuladas nos planos de ação não abordam mudanças mais radicais como as preconizadas por Dubet. Tampouco citam soluções focadas em ações mais integradas em termos de gestão escolar.

O número excessivo de alunos com defasagem de aprendizagem pode também ser enfrentado com mudanças na prática pedagógica, com a capacitação dos professores, engajamento dos familiares, presença de profissionais de apoio e atividades de reforço. Os pais poderão se interessar mais em acompanhar a vida escolar dos filhos se forem conscientizados dessa importância, se professores os visitarem, se forem criados espaços participativos mais lúdicos e onde possa haver socialização dos seus problemas.

É interessante destacar que se trata de uma dimensão onde a necessidade de tornar as aulas atrativas, de recuperar o prazer de estar na escola e de estimular o interesse dos alunos apareceram bastante em relação a outras dimensões também focadas na reflexão sobre a prática pedagógica. Fica a impressão de que é exatamente quando a comunidade escolar está diante da possibilidade de perder o aluno que consegue perceber a importância da construção junto com eles do prazer e do sentido do estar na escola. O fato merece reflexão, tendo em vista que boa parte dos grandes especialistas em educação considera que sem que o aluno se interesse, não há aprendizagem (DEWEY, 1967). Ou seja, se a escola não está conseguindo ser prazerosa e despertar o interesse, não basta fazê-lo apenas pensando nos alunos que estão em atividades de reforço ou que estão prestes a evadir.

Outro ponto interessante nesta dimensão diz respeito às alternativas que implicam em atuação conjunta com Conselho Tutelar e Promotoria da Infância e da Juventude. Ainda que de forma incipiente, aparece uma percepção da escola sobre a importância de um trabalho integrado com outros serviços públicos para dar respostas mais eficazes aos alunos que evadem ou faltam muito, tendo em vista a especificidade desta clientela que vive dificuldades socioeconômicas, seja isso real ou apenas uma suposição. Cabe também se referir novamente a Dubet (2001) para quem o segundo grande problema que advém com a massificação da escola é que os problemas sociais adentram de forma avassaladora, seus muros.

As propostas vão numa direção mais interessante do que aquela criticada pelo autor, para quem, na França, recorre-se massivamente aos especialistas, dividindo-se o aluno entre eles, no quadro da própria escola e sem nenhuma integração. As propostas analisadas vão menos à direção de dotar as escolas de todos os especialistas que dariam conta dos problemas psicossociais dos alunos, mas de fazer com que se insiram na chamada rede de proteção social. Um conceito bastante difundido no Brasil tanto pelos defensores dos direitos da criança quanto pelos atores que atuam em prol de uma assistência social de qualidade.

Interessante notar que para quase todos os problemas, exceto na dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita, seja apontada como solução a realização de palestras sobre a temática, com um objetivo de conscientização ou de motivação. Ou seja, há uma crença bastante disseminada nas escolas de que palestras são eficientes para incidir sobre problemas, mudar práticas ou situações. Apesar das propostas para solucionar os problemas sociais dos alunos não estarem focadas na busca de especialistas para a escola, talvez haja, no que tange às palestras, uma supervalorização da intervenção pontual de especialistas externos às escolas. Situação que remete a hipóteses: há falta de referências para se propor alternativas mais centradas nas mudanças das práticas dos próprios profissionais das escolas? As comunidades escolares têm dificuldade de propor mudanças na sua própria prática? Merece atenção o fato de que foi justamente na dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita, na qual o Indique apresenta sugestões para solucionar problemas da prática pedagógica, que esse tipo de solução – palestras – não é sistematicamente apresentado.

CONCLUSÃO

A leitura e análise dos problemas identificados pelas escolas nas avaliações participativas e das propostas apresentadas pelas comunidades nos planejamentos nos leva a algumas conclusões. Primeiramente, é possível afirmar que as comunidades escolares têm conhecimentos a serem mobilizados para a solução de parte de seus problemas. Na qualidade de sujeitos do fazer educativo, imersas no cotidiano das atividades, os diversos segmentos da comunidade escolar são decisivos na identificação de problemas relacionados ao processo de ensino e aprendizagem e na proposição de ações para transformação e melhoria de suas realidades. Eles demonstram ter capacidade de observação e proposição, aliados à criticidade.

Percebe-se que há problemas para os quais há menos conhecimento consolidado sobre as melhores formas de solucioná-los. É o caso, por exemplo, dos problemas que dizem respeito ao envolvimento dos pais com a aprendizagem dos filhos ou da sua participação na vida escolar; assim como o caso dos problemas relacionados à agressividade dos alunos e dos conflitos presentes nas escolas. A adoção de classes homogêneas para solucionar problemas relativos à aprendizagem tem sido também bastante questionada: elas reforçam a iniquidade.

No conjunto das dimensões constituintes do Indique, a Prática Pedagógica destaca-se como a de maior dificuldade na proposição de ações. Avalia-se que as comunidades escolares têm mais facilidade de discutir e propor soluções para problemas relativos à prática pedagógica quando têm parâmetros e indicadores de qualidade mais específicos e detalhados, como é o caso da dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita.

O estudo indica que as comunidades escolares percebem que precisam tornar a escola mais interessante e motivadora somente quando estão diante do problema da evasão ou do abandono. Essa percepção não ocorre quando estão discutindo questões relativas à prática pedagógica e avaliação; e ocorre um pouco, mas bem menos, quando estão discutindo indicadores que dizem respeito ao ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

As comunidades escolares percebem a necessidade de que os parâmetros e critérios de avaliação sejam claros e compartilhados; percebem também a necessidade de integração das diversas formas de avaliação.

A existência da avaliação e outros estudos sobre o desempenho da escola e dos alunos não é visto como problema. O problema está no fato de que estes estudos e dados oficiais não são usados para melhoria da prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

- PACHECO, E; ARAÚJO, C. H. **Boa Escola: evidências do Saeb**. Brasília: Inep, 2004.
- DEWEY, J. **Vida e educação**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- CRAHAY, M. **L'École peut-elle-être juste e efficace?** Belgique: De boeck, 2000.
- DUBET, F. «**Plus d'école**» et après? *Enfances & Psy.* 4/2001 (n 16) p. 21-26.
- OLIVEIRA, R. P.. Avaliações externas podem auxiliar o trabalho pedagógico da escola? In: Secretaria Municipal de Educação/São Paulo - Diretoria de Orientação Técnica. (Org.). *Educação: fazer e aprender na cidade de São Paulo*. São Paulo: Fundação Padre Anchieta/SME-SP, 2008, v. 1. p. 230-237.
- THURLER, M. Da Avaliação dos Professores à Avaliação dos Estabelecimentos Escolares. IN: PERRENOUD, P. e THURLER, M. et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- SOUSA, S. Z. L. Avaliação e gestão da educação básica. In. Dourado, Luiz. **Políticas e gestão da educação no Brasil: novos marcos regulatórios?**. São Paulo: Editora Xamã, 2009.